

PERGUNTAS E RESPOSTAS

[*Lúcifer*, Vol. I, nº 4, dezembro, 1887, p. 325-328]

[Tradução: Marly Winckler]

[A numeração entre colchetes refere-se à original do texto em inglês]

Um correspondente de Nova York escreve:

. . . As editoras de *Lúcifer* fariam um grande favor àqueles que se sentem atraídos pelo movimento que elas advogam se respondessem:

(1) Exige-se de um pretendente a teosofista-ocultista que abandone os laços e deveres mundanos como o afeto pela família, o amor pelos pais, esposa, filhos, amigos etc.?

Faço esta pergunta porque existe o rumor por aqui de que algumas publicações *teosóficas* teriam afirmado isso e gostaria de saber se esta condição *sine qua non* realmente existe em suas *Regras*. O mesmo, porém, se pode encontrar no Novo Testamento. "O que ama o pai, ou a mãe, mais do que a mim, não é digno de mim; e o que ama o filho, ou a filha, mais do que a mim, não é digno de mim", é dito em Mateus (10, 37). Os Mestres da Teosofia exigem o mesmo?

Seu em Busca da Luz

L.M.C.

Essa é uma pergunta muito, muito antiga, na verdade uma acusação antiga que ainda se faz contra a teosofia, e que foi feita pela primeira vez por seus inimigos. Respondemos enfaticamente: NÃO; e acrescentamos que nenhuma publicação *teosófica* é culpada de tal FALSIDADE e calúnia. Nenhum seguidor da teosofia, muito menos um discípulo dos "Mestres da Teosofia" (o *chela* de um *guru*), jamais seria aceito sob tais condições. Muitos foram os candidatos, mas "poucos os escolhidos". Dezenas foram recusados simplesmente porque eram casados

[p. 293]

e tinham deveres sagrados a cumprir com a esposa e os filhos.* A ninguém jamais foi solicitado que abandonasse pai ou mãe; pois aquele cujos pais dependem dele para seu sustento e os abandonar para satisfazer seus próprios interesses egoístas ou sede de conhecimento, por mais elevados e sinceros que

sejam, é "*indigno*" da Ciência das Ciências, "ou de se aproximar de um Mestre santo".

Nosso correspondente deve decerto ter confundido em sua mente Teosofia com Catolicismo Romano e Ocultismo com os ensinamentos da letra morta da Bíblia. Pois é apenas na Igreja Latina que se tornou uma ação meritória, chamada de servir a Deus e a Cristo, "abandonar pai e mãe, esposa e filhos" e todo dever de um homem e cidadão honesto a fim de se tornar monge. E é no *Evangelho de São Lucas* que lemos as terríveis palavras, postas na boca de Jesus: "Se algum homem vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e esposa, e filhos, e irmãos, e irmãs, sim, e também a sua própria vida, ELE NÃO PODE SER MEU DISCÍPULO". (*Lucas 14:26*).

São (?) Jerônimo afirma em um de seus escritos: "Se teu pai estiver estirado na soleira, se tua mãe descobrir o peito que te amamentou diante de teus olhos, pise sobre o corpo morto de teu pai, PISOTEIE O PEITO DE TUA MÃE, e com olhos secos corra para o Senhor, que chamou por ti!"

Decerto, pois, não foi em nenhuma publicação *teosófica* que nosso correspondente aprendeu essas infames acusações contra a teosofia e seus Mestres – mas, ao contrário, em algum texto *anticristão* ou "cristão" *demasiadamente* dogmático.

Nossa sociedade nunca foi "mais católica que o Papa". Ela fez o melhor que pôde para seguir o caminho prescrito pelos Mestres; e se falhou em mais de

* Sabemos de dois casos apenas de "chelas" *casados* que foram aceitos; mas ambos eram *brâmanes* e tinham *esposas-crianças*, segundo o costume hindu, e eram *Reformadores* mais do que *chelas*, que se esforçaram para abolir o casamento infantil e a escravidão. Outros tiveram de obter o consentimento da esposa antes de entrarem na "Senda", como é costume na Índia desde longa data.

[p. 294]

um ponto para cumprir esta árdua tarefa, a culpa certamente não deve ser lançada à Teosofia ou a seus Mestres, mas às limitações da natureza humana. As *Regras*, entretanto, do *chelado* ou disciplinado, estão aí, em muitos livros sânscritos e tibetanos. No Livro IV do *Kiu-ti*, capítulo sobre "*Leis dos Upasans*" (discípulos), as qualificações esperadas em um "*chela* regular" são:

- (1) Saúde física perfeita.*
- (2) Absoluta pureza mental e física.
- (3) Objetivos altruístas; caridade universal; piedade por todos os seres animados.
- (4) Compromisso com a verdade e fé inabalável nas leis do Carma.
- (5) Coragem indômita na defesa da verdade, mesmo diante de perigo de vida.
- (6) Percepção intuitiva de ser o veículo do *Atma* (espírito) divino manifestado.
- (7) Serena indiferença, mas justa apreciação, por tudo o que constitui o mundo objetivo e transitório.
- (8) A bênção de ambos os pais[†] e sua permissão para se tornar um *Upasana* (chela) e
- (9) Celibato e estar livre de qualquer dever e obrigação". As duas últimas regras são impostas rigorosamente. Nenhum homem *condenado por desrespeito aos pais* ou por *injusto abandono da esposa* pode jamais ser aceito, nem mesmo como *chela leigo*. Esperamos que isso baste. Ouvimos falar de chelas que, tendo *fracassado*, talvez em consequência de terem negligenciado alguns desses deveres, por uma ou outra razão, invariavelmente lançaram a culpa e a responsabilidade nos ensinamentos dos Mestres. Isso é natural em seres humanos pobres e fracos que não têm coragem nem mesmo para reconhecer seus próprios erros, ou a rara nobreza de confessá-los publicamente, mas estão sempre tentando encontrar um bode expiatório. Destes temos pena e deixamos para a Lei da Retribuição ou Carma. Não são estas fracas criaturas de quem se pode jamais esperar que tenham o maior dos inimigos descritos pelo sábio *Kirātārjuniya* de *Bhāravi*:

* Esta regra 1 aplico apenas a "chelas do templo", que precisam ser *perfeitos*.

† Ou de um deles se o outro estiver morto.

Devem ser corajosamente combatidas, *quem consegue isso*

É igual ao conquistador dos mundos". (xi, 32)

Ed.*

Recebemos vários comunicados para publicação sobre temas discutidos no editorial do último exemplar: "Porém, que Cada Homem prove sua própria obra". Cabem algumas observações, não em resposta a alguma carta – *que, por serem anônimas, e não conterem cartão do remetente, não podem ser publicadas* (nem isto é observado como regra geral) – mas as ideias e acusações contidas em uma delas, uma carta assinada "M". Seu autor toma as dores da Igreja. Ele contesta a afirmação de que esta instituição carece do esclarecimento necessário para realizar um verdadeiro sistema de filantropia. Ele parece, também, objetar o ponto de vista de que "as pessoas 'práticas' perseveram 'fazendo o bem' de forma não intencional e, assim, muitas vezes, ao contrário, fazem o 'mal'", e aponta para os trabalhadores nas favelas como uma prova do Cristianismo – que, a propósito, em nenhum sentido foi atacado no editorial tão criticado.

A isto, repetindo o que foi dito, reafirmamos em resposta que mais dano foi causado pela caridade emocional do que os sentimentalistas se preocupam em encarar. Todo estudante de economia política está familiarizado com este fato, que não passa de um truísmo para todo aquele que devotou sua atenção ao problema. Não se pode conceber sentimento mais nobre do que o que anima o filantropo altruísta; mas esta questão não se restringe ao reconhecimento desta verdade. Os resultados práticos de seu labor precisam ser examinados. Temos de ver se ele não semeia as sementes de um grande mal – por mais que mitigue um mal menor.

* [Embora Mabel Collins fosse coeditora de *Lúcifer* com H.P.B., é muito provável que "ED." seja a própria H.P.B., devido à natureza desta e da seguinte resposta. – *Compilador*].

O fato de que "milhares estão fortemente empenhados em todas as cidades de nossa terra" para suprir a carência confere imenso crédito ao caráter de tais trabalhadores. Não afeta sua crença, pois tais naturezas permaneceriam as mesmas, quaisquer que fossem os dogmas prevalecentes. É decerto uma pobre ilustração dos frutos de séculos de cristianismo dogmático que a Inglaterra devesse ser tão corroída pela miséria e pobreza como é – sobretudo no terreno bíblico, em que uma árvore deve ser julgada por seus frutos! Pode-se, também, argumentar que a história passada das Igrejas, manchada como é de perseguições, sonegação de conhecimento, crime e brutalidade, precisa que a página seja virada. As dificuldades no caminho são insuperáveis. O "igrejismo" de fato fez o melhor que pôde para manter-se atualizado com a época, assimilando ensinamentos e estabelecendo tréguas veladas à ciência, mas é incapaz de oferecer um ideal espiritual para o mundo.

O mesmo Cristianismo da Igreja assalta com pertinaz infecundidade a sempre crescente hoste de Agnósticos e Materialistas, mas é *tão absolutamente ignorante como os últimos dos mistérios além-túmulo*. Segundo o professor Flint, a Igreja tem grande necessidade de manter os líderes do pensamento europeu dentro de seus quadros. Isto é considerado por estes homens um anacronismo. A Igreja está acolhendo calorosamente o ceticismo em seu interior; sacerdotes livres-pensadores agora são muito comuns. Esse constante desgaste de vitalidade reduziu a verdadeira religião a um fluxo muito baixo, e a Teosofia veio ao mundo para infundir uma nova corrente de ideias e aspirações no pensamento moderno, em suma, suprir uma base lógica para uma moralidade elevada, uma ciência e filosofia que sejam adequadas aos conhecimentos do dia, como a teosofia se mostra ao mundo. A mera filantropia física, separada da infusão de novas influências e concepções enobrecedoras de vida na mente das massas, é inútil. Tão-somente a gradual assimilação pela humanidade das grandes verdades espirituais irá revolucionar a face da civilização, resultando, finalmente, numa panaceia muito mais eficaz para o mal do que o mero remendo da miséria superficial. Prevenção é melhor que cura. A sociedade

cria seus próprios párias, criminosos e devassos e, depois, condena e pune seus próprios frankensteins, sentenciando sua própria prole, "osso de seu osso e carne de sua carne", a uma vida de condenação eterna sobre a terra. No entanto, esta sociedade reconhece e reforça muito hipocritamente o cristianismo – isto é, o "igrejismo". Diante disso, devemos então ou não inferir que este último está em desacordo com as exigências da humanidade? Está claro que a primeira opção é dolorosa e obviamente a verdadeira, em sua presente forma dogmática, que torna a bela ética pregada no Monte, um fruto do Mar Morto, um sepulcro branco e não mais que isso.

Além disso, o mesmo "M", aludindo a Jesus como alguém com relação a quem pode haver apenas duas alternativas, escreve que ele "foi Filho de Deus ou o mais vilão impostor que jamais pisou na terra". Nós respondemos, não, em absoluto. Quer o Jesus do Novo Testamento tenha vivido algum dia ou não, quer tenha existido como personagem histórico ou sido simplesmente uma figura leiga em torno da qual se formaram as alegorias da Bíblia – o Jesus de Nazaré de Mateus e de João é o ideal que todo futuro sábio e candidato teosófico no Ocidente deve seguir. Que alguém como ele tenha sido *um* "Filho de Deus", é tão inegável quanto não ter sido ele o *único* "Filho de Deus", nem o primeiro, muito menos o último que encerrou a série de "Filhos de Deus" ou filhos da Divina Sabedoria nesta terra. Nem é correta a outra afirmação de que em "Sua vida ele [Jesus] jamais se referiu a si mesmo como coexistente com Jeová, o Supremo, o Centro do Universo", seja no sentido de letra morta ou místico oculto. Em lugar algum, Jesus jamais alude a "*Jeová*"; mas, ao contrário, atacando as leis mosaicas e os pretensos Mandamentos dados no Monte Sinai, ele se desliga e ao seu "Pai" de forma muito distinta e enfática do Deus tribal sinaitico. Todo o capítulo V do *Evangelho de Mateus* é um veemente protesto do "homem da paz, amor e caridade", contra os mandamentos cruéis, severos e egoístas do "homem de guerra", o "Senhor" de Moisés (*Êxodo* 15:3). "Ouvistes o que foi dito pelos antigos" e assim por diante, "Eu, porém vos digo"

[p. 298]

exatamente o contrário (*Mateus* 5:21). Os cristãos que ainda se apegam ao Velho Testamento e ao Jeová dos Israelitas são, na melhor das hipóteses, *judeus*

cismáticos. Deixem-nos ser assim, se é isso que querem, mas eles não têm direito de chamar a si mesmos de *Chrestians*, muito menos de *Cristãos*.*

É uma brutal injustiça e inverdade asseverar, como faz nosso anônimo correspondente, que "livres-pensadores levam uma vida notoriamente ímpia". Algumas das mais figuras de mais nobre caráter, e dos mais profundos pensadores do dia adornam as fileiras do Agnosticismo, Positivismo e Materialismo. Estes são os mais ferrenhos inimigos da Teosofia e do Misticismo, mas isso não é motivo para que a rigorosa justiça não seja feita para com eles. O Coronel Ongersoll, materialista veemente, líder do livre pensamento nos Estados Unidos, é reconhecido, até por seus inimigos, como um marido, pai e cidadão ideal, um dos mais nobres caracteres que dignificam aquele país. O Conde Tolstói é um livre-pensador que há muito rompeu com a Igreja Ortodoxa, no entanto, toda a sua vida é um exemplo de altruísmo e de auto sacrifício cristão. Quisera Deus que todos os "cristãos" tomassem como modelos esses dois "*infieis*" em sua vida pública e privada. A munificência de muitos filantropos livres-pensadores está em flagrante contraste com a apatia dos endinheirados dignitários da Igreja. A crítica acima aos "inimigos da Igreja" é absurda e desprezível.

"O que podem oferecer à mulher moribunda que teme trilhar só o ESCURO DESCONHECIDO", nos perguntam. Nosso crítico cristão aqui francamente confessa (a) que os dogmas cristãos geraram apenas *medo* da morte e (b) o *agnosticismo* dos *crentes ortodoxos* na teologia cristã quanto ao futuro estado *pós-morte*. É difícil realmente apreciar o tipo peculiar de bem-aventurança que a ortodoxia oferece aos que creem – na *danação*.

O moribundo – o cristão comum – com um retrospecto negro da vida dificilmente pode apreciar este obséquio; ao passo que o calvinista ou o predestinacionista que é criado com

[p. 299]

a ideia de que Deus pode tê-lo predestinado desde a eternidade à miséria eterna, não por causa das faltas daquele homem, mas simplesmente porque ele é Deus, mais do que justificadamente, considera o último como dez vezes pior do que qualquer diabo ou demônio que a fantasia humana impura jamais criou.

A Teosofia, ao contrário, ensina que reina a justiça perfeita e absoluta na natureza, embora homens de curta visão não percebam nela os detalhes no plano material e até psíquico e que cada homem determina seu próprio futuro. O verdadeiro Inferno é a vida na Terra, como efeito de punição cármica que se segue de vidas passadas, durante as quais as causas maléficas foram geradas. Os Teosofistas não temem nenhum inferno, mas esperam confiantes o descanso e a bem-aventurança no intervalo entre duas encarnações, como recompensa por todo o sofrimento desmerecido que suportou em uma existência à qual foi lançado pelo carma e durante a qual ele é, na maioria dos casos, tão impotente quanto uma folha que rodopia levada pelos ventos em conflito da vida social e particular. Suficiente tem sido dado em diversos momentos com relação às condições pós-morte da existência, suprimindo um sólido bloco de informações sobre este ponto. A teologia cristã nada tem a dizer sobre esta questão delicada, exceto onde ela encobre sua ignorância com mistério e dogma; mas o Ocultismo, desvelando a simbologia da Bíblia, a explica integralmente.

ED.